

Pesquisas mostram que há vagas suficientes, mas sem qualidade

ROLDÃO ARRUDA

Boa parte das deficiências do ensino universitário brasileiro está enraizada na falta de qualidade das escolas de 1º e 2º graus. Mas, segundo pesquisadores e técnicos dessa área, a solução dos problemas está distante, porque o governo insiste na tese de que a sua principal tarefa é construir mais escolas. Os defeitos que os especialistas consideram mais graves, como o fato de as escolas registrarem um dos maiores índices de repetência do mundo, estão esquecidos.

"O governo diz que faltam vagas, para justificar grandes obras, mas esse é um falso problema", afirma o pesquisador Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica, no Rio. De acordo com suas pesquisas, o acesso ao ensino já estaria democratizado no Brasil, havendo vagas para quase todas as crianças. "Falta melhorar a qualidade das vagas."

Durante dois anos, Ribeiro e outro pesquisador do Laboratório, o matemático Ruben Klein, recolheram e analisaram num computador as principais estatísticas sobre educação no País. E ao final da pesquisa, financiada com recursos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), concluíram que o governo organiza a política educacional a partir de números errados.

Diferenças — Um exemplo disso relaciona-se com o problema de repetência. Segundo os dados oficiais, o índice médio de repetência no Brasil é de 25%. Mas, de acordo com os números levantados por Ribeiro e Klein e citados nos relatórios do Banco Mundial, o índice real chegaria a 52%. A diferença deve-se ao fato de o governo não contar como repetente o aluno que, ao perceber que vai ser reprovado, abandona o estudo, voltando a matricular-se no ano seguinte. Para o governo, trata-se de aluno evadido e não repetente.

Por causa dessa diferença, os números sobre evasão citados pelo governo são dez vezes maiores do que os coletados por Klein e Ribeiro. Para os dois pesquisadores, a repetência, causada pela má qualida-

de do ensino, ajuda a explicar por que 70% da população escolar não conclui o 1º grau. "Ninguém aguenta repisar a mesma coisa durante vários anos", diz Ribeiro.

Outro número errado é o que aponta o déficit de escolas. Pelas contas do MEC, o Brasil tem 5 milhões de crianças fora da escola por falta de vagas. Mas, segundo os estudos de Ribeiro e Klein, a carência é de 1,4 milhão de vagas. Desse total, 80% referem-se às regiões mais pobres do Nordeste. "O problema de falta de vagas é localizado", insiste Ribeiro. "Mas o governo desconsidera essas informações, para justificar obras como os Ciacs."

Falta e sobra — Em São Paulo, o presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, o sociólogo Antônio César Callegari, também acredita que o problema da falta de vagas é localizado. Segundo Callegari, o Estado convive

com uma situação estranha: de um lado, há um déficit de 11 mil salas de aula, e, de outro, há 7 mil salas ociosas. Isso significa que, ao longo das duas últimas décadas, não houve entraves para construir salas. Muitas delas, no entanto, foram erguidas em locais inadequados.

Os erros na escolha, segundo Callegari, podem ter origens políticas. "As vezes, o prefeito de uma pequena cidade do interior pressiona mais um governador do que uma populosa área da periferia de São Paulo, onde faltam salas", comenta. Para o presidente da Fundação, até 1995, o problema de falta de vagas no Estado estará resolvido. Mas ele acredita que a tarefa principal não é essa. "O desafio real é a melhoria da qualidade", diz ele. "Temos que reciclar a maior parte dos 300 mil funcionários da rede pública, que vieram de escolas ruins e reproduzem erros."